

Pipoca Pedagógica

A sala dos burros

– Isso não vai dar certo! Vão chamar esta classe de “sala dos burros”, você vai ver...

2003. Uma das escolas públicas que atendem à comunidade de Heliópolis, cidade de São Paulo, com Ensino Fundamental - Ciclo I pela manhã, Ciclo II à tarde e Ensino Médio à noite. Diretora recém chegada e os professores logo ficam achando que ela quer inventar moda.

Assim foi a recepção à ideia de montarmos uma classe de aceleração para os alunos do Ciclo II do Ensino Fundamental que estavam muito atrasados por inúmeras repetências ou revezes da vida. Eles, que estavam na 6ª série, participariam o projeto naquele ano e iriam para a 8ª série no ano seguinte, ficando mais próximos à idade de seus colegas.

Os alunos muito atrasados, obviamente, eram aqueles mais indisciplinados e com maiores dificuldades na aprendizagem, não necessariamente nesta ordem. A maioria já seduzida pelo tráfico.

– Quem vai querer escolher essa sala? Eu, nem pensar.

Os professores, que já conheciam esses alunos e já os excluía da possibilidade de aprender e da oportunidade de mudarem de comportamento, não queriam nem pensar em exercer o seu magistério numa classe como esta.

Mas a persistência falou mais alto, e comecei a analisar quais professores poderiam aceitar esse desafio – alguns, claramente, outros, a partir de conversas e promessas de apoio total por parte da direção e coordenação.

Matemática... ah, essa tão difícil matemática. Chamei o professor, aquele que muito sabia da matéria, mas tinha muita dificuldade na didática e, olho no olho, disse a ele que confiava muito no seu trabalho e que mesmo com seu receio (ele tinha consciência da sua dificuldade no relacionamento com os alunos) poderíamos trabalhar juntos e enfrentar essa nova luta. A reação dele foi inicialmente de espanto e logo em seguida de agradecimento pelo reconhecimento e valorização de seu trabalho.

Puxa, nunca havia demonstrado isso para ele!

Iniciamos a turma e, a cada aula sem professor (e houve várias), lá ia eu, a diretora, trabalhar com os meninos e meninas algumas dinâmicas, assembleias, conversas que objetivavam levantar a autoestima e discutir com eles os porquês e os caminhos dessa nova proposta para e com eles.

Terminado o primeiro bimestre, chamamos a reunião de pais para o início da noite. Pais (no geral, mães) junto com seus filhos, sentados lado a lado. Proposta: que os alunos contassem a eles o que estava acontecendo e como foi seu desenvolvimento. Alguns ainda meio acanhados, mas já no final se levanta a mãe de um garoto e, chorando, diz:

– Eu queria agradecer, pois é a primeira vez que venho à escola e ouço falar bem do meu filho! E mais: eu percebo que ele é outro menino, que agora tem vontade de fazer algo bom e confia em si mesmo. Tenho orgulho dele!

E o abraçou. Ali, na frente do grupo atônito e da diretora arrepiada e contendo umas lágrimas que teimavam querer escorrer pelo rosto.

Naquele momento, percebi que tinha razão na teimosia de acreditar que todo aluno tem capacidade de aprender, todo professor de ensinar e todo gestor de abrir portas.

Marta Almeida